

Entrevista

Jean-François Sirinelli

Rio de Janeiro, 5 de novembro de 2012. Transcrição: Charlotte Riom.

Tradução: Anne Marie Milon.

Marieta de Moraes Ferreira (MM)*

Jean-François Sirinelli, historiador francês especialista em história política e cultural do século XX, é professor do Institut d'Études Politiques de Paris. Desenvolveu, também, diversos trabalhos no campo da história dos intelectuais, da cultura de massa, da França na década de 1960 e da história do tempo presente. Foi profundamente influenciado por seu orientador, o também historiador René Rémond. Seu pai, Jean Sirinelli, foi professor de literatura grega clássica na Sorbonne. É presidente do Comité Français des Sciences Historiques e do Comité Científico de História da Unesco, vice-presidente da Association pour le développement de l'histoire culturelle, diretor do Centre d'Histoire de Sciences Politiques, além de editor responsável por dois periódicos, a *Revue Historique* e a *Histoire Politique*. Publicou, em 2013, na França, o livro *Désenclaver l'histoire. Nouveaux regards sur le XXe siècle français*, ainda sem tradução para o português.

Jean-François Sirinelli is a French historian and specialist in the political and cultural history of the twentieth century. He has also written various works in the fields of the history of intellectuals, mass culture, 1960s France, and the history of the present time. He was profoundly influenced by his adviser, the historian René Rémond. His father, Jean Sirinelli, was professor of Classical Greek Literature in the Sorbonne. He is president of the Comité Français des Sciences Historiques and the Unesco Scientific Committee for History, vice-president of the Association pour le développement de l'histoire culturelle, director of the Centre d'Histoire de Sciences Politiques, as well as the editor of two journals, *Revue Historique* and *Histoire Politique*. In 2013 he published in France the book *Désenclaver l'histoire. Nouveaux regards sur le XXe siècle français*, which has still not been translated into Portuguese.

* Professora Associada do Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Diretora Executiva da Editora FGV. Rua Jornalista Orlando Dantas, 37 – Botafogo. 22231-010 Rio de Janeiro – RJ – Brasil. marieta@fgv.br

MM: Poderia nos falar sobre a sua formação profissional, seu percurso? O porquê da escolha pela área de história?

Nasci em 1949, pertenço à geração do *baby-boom*, que constituiu um dos meus objetos de estudo. Voltarei a isso mais adiante, pois coloca o problema da história do tempo presente: será que é possível fazê-la quando se pertence à mesma geração?

Sou filho do pós-Segunda Guerra Mundial. Nasci na Córsega. Meus quatro avós eram professores primários, e meu pai, que era professor de literatura grega, fez carreira na Sorbonne.

A minha escolha pela história se fez em três tempos. Após o *baccalauréat*,¹ hesitei entre medicina e história. Tinha um gosto forte pela história, pela observação do mundo que me rodeava, e o desejo de compreendê-lo. Os historiadores fazem com frequência *narrações de si* e recolocam sua vida em perspectiva, pondo em consideração seu gosto pela eternidade. Não é meu caso. É mais prosaico: é que tive bons professores. Passei minha juventude em Paris, já que meu pai fora nomeado *Recteur d'Académie*,² e fiz uma parte dos estudos na província. Não fui aluno de nenhuma *Grande École*,³ diferentemente do meu pai, que fora aluno da *École Normale Supérieure*, pois não tinha vontade de reproduzir o mesmo esquema. Estudei na universidade com o projeto de fazer dela minha profissão. Meu gosto pela história tornou-se uma vocação. Fui aprovado na *Agrégation*⁴ de história em 1973. Obtive o primeiro lugar.

Depois disso, hesitei entre história antiga e contemporânea. Escrevi uma monografia com os resultados de uma pesquisa sobre o período helenístico que se segue a Alexandre o Grande. Esse trabalho se referia aos reis helenísticos e à sua relação com a cultura, isto é, à relação entre política e cultura. Os soberanos do Oriente Próximo eram também mecenas que ajudaram sábios e poetas. Tratava-se de um centro do saber e da criação, e o mecenato tinha por objetivo fazer reinar a grandeza do soberano. Essa relação entre os homens de cultura e o poder político me interessava. Mas depois resolvi mudar de área. Insistindo mais uma vez, foi para não reproduzir o esquema do meu pai, professor de literatura grega, que escolhi o rumo da história contemporânea. O professor René Rémond foi o orientador de minha tese.

Obtive a *Agrégation* na Universidade de Nanterre, que era na época o centro de um renascimento da história da política. Escolhi os intelectuais como temática de trabalho e, novamente portanto, as relações dos homens de cultura com o político. Jean-Paul Sartre dizia que um intelectual tinha obrigação de

ser engajado, como se o engajamento fosse consubstancial ao estatuto de intelectual.

MM: Essa opção foi o resultado de um engajamento político pessoal, próprio da geração de 68?

A resposta é não. Não fui um militante, não fui um ator de Maio de 68. Morava então na província. Em minha opinião, um historiador deve se abster de militar no exercício da profissão, pois nada envelhece mais rapidamente do que uma história militante.

Para meu tema de tese, interessei-me pelos intelectuais formados na *École Normale Supérieure*, ou mais exatamente, pelas aulas preparatórias ao concurso de entrada, chamadas de *Khâgnes*. Com o título: *Khâgneux et normaliens des années vingt. Histoire politique d'une génération d'intellectuels (1919-1945)* [Alunos de *Khâgne* e da Escola Normal Superior nos anos 20. História política de uma geração de intelectuais (1919-1945)], a tese foi defendida em 1985 e publicada em Paris pela Fayard, em 1988. Estudei a história desses jovens alunos de *Khâgne* e da *École Normale Supérieure* da geração de 1905, geração jovem demais para ir à guerra e, portanto, geração do pós-guerra. Interessei-me, entre outros, pela história de uma instituição cultural; pela noção de geração, de sociabilidade, tratando-se de um meio que se constitui em rede. Estudei os modos segundo os quais os intelectuais se congregam e, depois, a noção de itinerário. Em outras palavras, visei fazer o retrato de um grupo e mostrar como esses intelectuais, que provêm de um mesmo meio social, veriam depois seus destinos divergir.

Levei 11 anos para concluir minha *thèse d'état*, que defendi em 1986, com 37 anos. Na época, só se defendia tese após os 40 anos. Era assistente de história contemporânea na Universidade de Nanterre e meu orientador, René Rémond, não esperava que nos tornássemos clones dele. São poucas as pesquisas dedicadas aos intelectuais.

A seguir, fui ser professor na Universidade de Lille. Foi uma fase apaixonante, e pude continuar minhas pesquisas com uma dupla orientação. Procurei entender como as ideias dos intelectuais agiam ou não sobre o resto da sociedade, como as ideias circulam numa sociedade. Em outras palavras, estudei a noção de circulação das ideias. Isso é história cultural e, na época, ela era chamada de história das mentalidades, das representações. Um historiador é alguém que constrói uma reação em cadeia.

MM: Como era a relação do grupo ligado a René Rémond com os *Annales*?

O grupo de René Rémond não tinha ligação com o grupo dos *Annales*. Na realidade, eles estavam em trajetórias paralelas. Os historiadores dos *Annales* eram hostis à renovação da história política. Ora, a introdução de *Pour une histoire politique* (1988) [Por uma história política] quase significava, por uma razão política, uma resposta à pergunta dos *Annales*.

MM: Mas o senhor também tinha um grande interesse pela história cultural.

Desejei participar do desenvolvimento da história cultural contemporânea e pesquisar as formas segundo as quais os sentidos circulam numa sociedade.

Foi-me proposto escrever um livro sobre as correntes de direita na França. Hesitei, pois René Rémond já tinha escrito algo sobre o tema. Não queria ‘envelhecer’ meu mestre. Dizia então que houvera uma mutação da história política em direção à história cultural, à implementação de uma história cultural do político. O livro intitulado *Histoire des droites en France* [História das direitas na França] mostra como é possível avançar na história política. Exigiu um trabalho de 4 anos e reuniu cinquenta autores.

Nos anos 1990 foi possível assistir a um desenvolvimento da história cultural na França e, ao mesmo tempo, a um renascer da história política.

Podemos observar uma evolução cronológica da minha carreira, pois, antes era especialista em história da primeira metade do século XX e, com a história cultural, deslizei para a segunda metade. Pode-se falar de um ‘deslizamento’ dos meus centros de interesse no momento em que a história do tempo presente se desenvolve. René Rémond era o presidente do *Institut de l’Histoire du Temps Présent* [Instituto da História do Tempo Presente]. Lutamos na Universidade de Lille para que essa disciplina conquistasse legitimidade. O interessante é essa ‘escala móvel’, isto é, o fato de conquistar as décadas e de acompanhar a história que está sendo feita. Tenho certo gosto pela história do tempo presente, é um tipo de pesquisa que visa explicar o presente com a união, entre outros, de jornalistas e politólogos. Trata-se de criar um saber, documentar e referenciar. Para isso é preciso manter um distanciamento em relação às fontes, colocar em perspectiva aquilo que é contínuo e descontínuo. Hoje em dia, os anos da Segunda Guerra Mundial pertencem à história contemporânea. A história do tempo presente é a história dos anos 1960, 1970 e 1980. É uma história móvel. Como acabei de dizer, o historiador vai

acompanhando a história à medida que ela se desenrola. É uma história viva sobre a qual trabalham várias gerações que não mantêm uma mesma relação intergeracional. Existe o que chamo de efeito *rosebud*, como no *Cidadão Kane* de Orson Welles. Um historiador não deve se debruçar com nostalgia sobre a geração de sua própria juventude. Como mostra o trabalho de Paul Ricoeur, a memória fica integrada a essa história do tempo presente. Isso é algo fundamental na França, as memórias propõem um regime de verdade. Atualmente, o debate sobre as ‘leis memoriais’ levanta questões epistemológicas apaixonantes: distanciamento do objeto, memória, relação entre a disciplina histórica e as ciências sociais. Particpei do desenvolvimento da história cultural, inicialmente contestada por quem era oriundo da história social. Hoje em dia, a história cultural está realmente instituída na França.

No decorrer dos anos 2000, após os meus 50 anos, desejei retornar às fontes, isto é, à noção de geração. Apoderei-me desse objeto. Estudei os anos 1960 num livro dedicado aos *baby-boomers*.⁵ Desejava voltar à noção de geração, sem guerra, sem acontecimentos históricos marcantes, porém uma verdadeira geração, já que não criada por eventos políticos ou militares e sim pela cultura. Chamei-a de *geração dos quatro ‘p’*: Paz, Prosperidade, Pleno Emprego e Progresso. Havia nisso a ideia de uma marcha para frente, de uma geração socializada, antes da chegada da crise.

Houve depois disso uma grande mutação na França, vieram os ‘20 anos decisivos’ durante os quais a França experimentou uma mutação antropológica: tudo o que determina a sociedade mudou nos anos 1970, exatamente entre 1965 e 1985.⁶

Hoje em dia não se pode mais fazer uma história nacional desconectada do mundo, fala-se em *World Story*, pois nota-se de fato o crescimento de uma cultura de massa, de uma cultura mundial que leva a refletir de maneira transnacional. A legislação, na França, é uma legislação europeia. Será que a história francesa é uma história conectada? A história política estudou o Estado-nação. Mas hoje, na hora da mundialização, nem tudo se passa no Estado-nação, as decisões nacionais ultrapassam o país, somos confrontados com uma história que não pode mais ser nacional.

MM: Como o senhor vê os diagnósticos que falam de uma crise da história?

Darei minha resposta em dois tempos. Tenho admiração pelo que escrevem os jovens historiadores franceses, pela sua produção de uma forma geral.

Mas observo na ciência histórica francesa um problema real. A história francesa é cada vez menos ouvida e lida no exterior por causa da importância e até da hegemonia do inglês. Ela não irradia mais da mesma maneira no plano institucional.

MM: Como e quando entrou para Sciences Po?⁷

Após 11 anos lecionando em Lille, recebi a proposta de assumir uma cadeira em *Sciences Po*. Tratava-se de uma cadeira de história política e cultural do século XX. Em outras palavras: de tudo o que me interessava. O presidente do conselho de administração de *Sciences Po* era René Rémond. Trata-se também de um lugar onde podemos criar coisas e contribuir para o desenvolvimento da história cultural.

NOTAS

¹ Exame de conclusão do segundo grau. Não é um concurso e dá a todos os aprovados o acesso direto à universidade. (N.T.)

² Na França, o sistema público da Educação Nacional é dividido em regiões administrativas chamadas *Académies* (Academias), Elas são encabeçadas por um Reitor (*Recteur*) designado pelo presidente da República entre os professores universitários. (N.T.)

³ Nome dado aos estabelecimentos públicos de elite onde costumam se formar os quadros do país (políticos, administrativos, comerciais, industriais etc.). Seu ingresso é regulamentado por um concurso extremamente seletivo. Uma delas é a *École Normale Supérieure* (Escola Normal Superior), onde se formaram grandes intelectuais do país. (N.T.)

⁴ Concurso de seleção dos professores do segundo grau. Ele dá acesso, em certos casos, ao ensino superior. (N.T.)

⁵ SIRINELLI, Jean-François. *Les baby-boomers: une génération – 1945-1969*, reeditado por Hachette Littérature, collection Pluriel. Paris (1.ed. 2003). 324p.

⁶ SIRINELLI, Jean-François. *Les vingt décisives – 1965-1985. Le passé proche de notre avenir*. Paris: Fayard, 2007. 350p.

⁷ O estudo das ciências políticas no *Institut d'Études Politiques*, uma das *Grandes Écoles* de onde saíram vários governantes. (N.T.)

Entrevista recebida em 11 de março de 2013. Aprovada em 20 de março de 2013.